Nº 3

Janeiro

2013

www.colectivolibertarioevora.wordpress.com * www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora

Acção Directa

Boletim do Colectivo Libertário de Évora

Évora 2013

David acabou este ano o curso superior na Universidade. Ouviu falar do "Impulso Jovem". Foi-se inscrever no Centro de Emprego. Ali soube que era a ele que competia arranjar trabalho. Ficou na mesma. Sem contactos no mundo laboral, a informação de pouco o serviu. Desde Setembro nunca mais lhe disseram nada. Nem vale a pena: já está em Inglaterra.

A Maria acabou agora o subsídio de desemprego. Continua sem trabalho. Dizem-lhe que não tem direito ao subsídio social de reinserção. O marido está também desempregado. Correm o risco de ficar sem a casa. Maria diz que lhe pode acontecer tudo, mas que não vai deixar a filha passar fome.

Na cidade todos os dias são mais as placas de "vende-se". Muitas lojas começaram já a fechar. Sinal dos tempos: está um PSP, fardado e armado, a guardar uma loja de compra de ouro. Pelos vistos, um negócio que vai de "vento em popa"! Outro sinal: por toda a cidade vê-se gente a remexer nos caixotes de lixo, à procura de algo que lhes possa matar a fome e tirar o frio do corpo.

"Retratos" de uma cidade e de um país à beira da asfixia económica e social. Por mais Embraers que abram, com a sua meia centena de trabalhadores, é difícil esconder debaixo do tapete o desastre social e económico que todos os dias se agrava na região.

A.

São os próprios números oficiais que o indicam

Austeridade mata a economia

A meio do mês de Janeiro o Banco de Portugal veio confirmar o que todos já sabíamos: a recessão vai-se agravar. Segundo o Banco a recessão em 2013 quase vai atingir os 2%, o dobro do que o governo previa. A economia está parada e o desemprego e a precariedade rondam os 2 milhões de portugueses. Os cortes sociais e laborais, a destruição da economia e do sector produtivo (que teve em Cavaco Silva um dos principais arautos) estão a conduzir, mais uma vez, os portugueses para a miséria e para a indigência, lembrando os tempos do fascismo. As organizações que se dizem dos trabalhadores limitam-se a esboçar, num faz de conta repetido, gestos de inutilidade, na maior parte dos casos. A única alternativa que oferecem é mais do mesmo: substituir este por outro governo. Perante este cenário, não pode haver dois caminhos. Há apenas um: o da construção de um espaço combativo, consequente, saído das ruas, das fábricas, das empresas, dos bairros, agregador, que inclua todos os que queiram participar e que defina um programa de luta e combate efectivo, autónomo e autogestionado, de forma a alterar as políticas restritivas da actual maioria, e que tenha como objectivo não a armadilha reivindicativa de mudança de governo – com que sempre nos enganam, dizendo que um é melhor do que outro, quando todos são a mesma trampa – , mas sim de mudança completa de paradigma social.

Foto Telmo Rocha

Pag. 3

Última hora: Kemet anula despedimento colectivo

Os 154 trabalhadores da Kemet Electronics de Évora, ameaçados de despedimento colectivo (metade do efectivo da fábrica), foram avisados pela empresa de que o processo "estava anulado" e que já não iria para a frente. Os trabalhadores tinham nova greve agendada para os dias 17 e 18. A empresa pretendia deslocalizar parte da produção para o México. Mais uma prova de que quem luta pode ganhar ou perder. Quem não luta perde sempre!

Nesta edição:

Nós

Entre os vários projectos que o Colectivo Libertário de Évora tem para este ano de 2013 destacam-se:
- dar continuidade à edição do Boletim Acção Directa, dentro da regularidade possível;
- promover mensalmente uma sessão de cinema ou de debate sobre temas alternativos e/ou da actualidade (este mês teremos já em data a anunciar a passagem do filme argentino "El Trueque", com debate sobre o sistema de troca);
- realizar quinzenalmente reuniões abertas, num espaço próprio (o que deverá acontecer em breve), permitindo que mais pessoas apareçam e colaborem nas iniciativas do Colectivo;
- preparar a realização de uma Semana Libertária em Évora - antes ou depois do verão -, num espaço público e associativo (preferencialmente uma colectividade), que constará de debates, música, filmes, exposição sobre o movimento libertário, feira do livro, etc.;
-participação em movimentos sociais e laborais, de protesto e indignação, que venham a ter lugar durante 2013, dando especial importância aos movimentos de cariz assembleario, não partidários e de base.
-no âmbito específico do movimento libertário, contribuir para a constituição de uma rede entre os grupos e os colectivos hoje existentes que permita a entreajuda e a definição de objectivos em comum.

CLE

"Não se pode matar a Ideia a tiros de canhão, nem tão pouco acorrentá-la." Louise Michel

Anarquismo & Organização

Movimento Libertário

Da diversidade enriquecedora à necessidade de uma plataforma mínima anarquista

O ano que agora começa deveria ser um ano importante na organização anarquista em Portugal. Ou melhor: só não o será se não quisermos.

Com todo o historial adquirido no pós 25 de Abril há algo que sabemos: sem organização, sem um contributo organizado, heterodoxo mas firme nos princípios, e interveniente na luta social, será escasso o papel do anarquismo na sociedade portuguesa. Como tem sido até aqui.

2013 será um ano de grandes lutas e de grandes mobilizações e os anarquistas – nós que nos afirmamos e nos dizemos enquanto tal – temos que saber separar o que é secundário do essencial. Secundárias são as pequenas divergências, as solidões, os pequenos e grandes medos de trabalharmos em conjunto. O essencial vai ser conjugarmos esforços para criar um espaço organizado (federal, autogestionário, anticentralista, etc.) onde possamos combinar estratégias comuns: por exemplo, editar um jornal de âmbito nacional, promover acções diversas, criar uma plataforma difusora das nossas ideias, integrarmo-nos cada vez mais nas lutas de todos os dias dos mais pobres e explorados, mas também dos jovens, dos criadores, dos artistas.

As movimentações, assentes em Assembleias de base dos últimos anos, foram importantes porque usaram instrumentos que nos são caros e próprios – a organização de base, a democracia directa, a acção directa, a autogestão de espaços, etc. – mas provou-se que isso não chega. É necessária uma fundamentação ideológica e organizativa que estes movimentos ainda não têm e que só têm a ganhar se existirem, a seu lado, como inspiração e modelo, organizações específicas anarquistas, editoras, sindicatos de inspiração anarquista, colectivos libertários, jornais e revistas anti-autoritários, espaços autogestionados.

A organização específica, claramente anarquista, é hoje um imperativo para o desenvolvimento, a manutenção e o aprofundamento das experiências de base que se consubstanciaram em movimentos como o 12 de Março, o 12 de Maio ou o 15 de Setembro.

Nós temos connosco – porque dele somos depositários – um passado, uma história, uma prática e um conjunto de instrumentos de luta cada vez mais urgentes e necessários. Nunca como hoje foi tão grande a necessidade do movimento anarquista enquanto fermento e inspirador dos movimentos sociais e alternativos quer em Portugal, quer em todo o mundo.

Por todo o lado há um regresso à organização anarquista, anarcosindicalista e libertária. Ninguém é excomungado: quem quiser assume o seu percurso solitário – é um direito que a cada um assiste. Mas a necessidade de organização, a partir dos grupos de afinidade já existentes, é, cada vez maior, e neste início de 2013, em Portugal, um imperativo para que as ideias libertárias ganhem espaço, mas também para que atitudes que nos são caras, como o apoio mútuo, a solidariedade e o companheirismo, possam ser assumidas na sua plenitude.

e. m.

A Importância da Organização

Errico Malatesta

Nós já o dissémos: sem organização, livre ou imposta, não pode existir sociedade; sem organização consciente e desejada, não pode haver nem liberdade, nem garantia de que os interesses daqueles que vivem em sociedade sejam respeitados. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua, em condições de reciprocidade e de solidariedade, põe-se necessariamente em estado de inferioridade e permanece uma peça inconsciente no mecanismo social que outros accionam a seu modo e em sua vantagem.

Os trabalhadores são explorados e oprimidos porque, estando desorganizados relativamente a tudo que tem a ver com a defesa dos seus interesses, são coagidos, pela fome ou pela violência brutal, a fazer o que os dominadores, em proveito dos quais a sociedade actual está organizada, querem.

Os trabalhadores oferecem-se, eles próprios (enquanto soldado e instrumento do capital), à força que os subjuga. Nunca se poderão emanci-

(cont. pág. seguinte)

par enquanto não tiverem encontrado na união a força moral, a força económica e a força física que são necessárias para derrubar a força organizada dos opressores. (...)
Para se fazer propaganda é preciso estar no meio das pessoas. É nas associações operárias que o trabalhador encontra os seus camaradas e, em princípio, aqueles que estão mais dispostos a compreender e a aceitar as nossas ideias. E mesmo que se quisesse fazer uma propaganda intensa fora das associações, isso poderia não ter qualquer efeito visível sobre a massa operária. Exceptuando um pequeno número de indivíduos mais instruídos e capazes de reflexões abstractas e de entusiasmos teóricos, o operário , muitas vezes, não chega de uma só vez à anarquia. Para se tornar anarquista de modo sério, e não somente de nome, é preciso que comece a sentir a solidariedade que o une aos seus camaradas, é preciso que aprenda a cooperar com os outros na defesa dos interesses comuns e que, lutando contra os patrões e capitalistas perceba que são parasitas inúteis e que os trabalhadores poderiam assumir a administração social. Quando compreender isso, o trabalhador é anarquista, mesmo que não utilize a designação
Por outro lado, favorecer as organizações populares de todos os tipos é a consequência lógica das nossas ideias fundamentais e, assim, deveria fazer parte integrante do nosso programa.
Qualquer partido autoritário, que vise controlar o povo para impor as suas ideias, tem interesse em que o povo permaneça como uma massa amorfa, incapaz de agir por si mesma e, consequentemente, sempre fácil de dominar. É lógico, portanto, que só deseje um certo nível de organização, que o ajude na tomada do poder: organização eleitoral se espera atingir os seus objectivos pela via legal; organização militar se conta com a acção violenta.
Nós, anarquistas, não queremos emancipar o povo, queremos que o povo se emancipe. Nós não acreditamos nos factos impostos, de cima, pela força; queremos que o novo modo de vida social saia das entranhas do povo e corresponda ao grau de desenvolvimento atingido pelos homens e possa progredir à medida que os homens avançam. Desejamos, portanto, que todos os interesses e todas as opiniões encontrem, numa organização consciente, a possibilidade de se colocarem em evidência e influenciarem a vida colectiva, na proporção da sua importância..(...)

(A Organização das Massas Operárias Contra o Governo e os Patrões - 1897)

Sindicalismo & luta de classes

Relatório do FMI acrescenta pobreza à pobreza

Direitos e salários de quem trabalha: o apetite do Estado é insaciável

Foi recentemente divulgado um alegado estudo do FMI com um conjunto de medidas a aplicar à economia portuguesa e aos trabalhadores que só tem uma justificação: o apetite e a voragem do Estado e das grandes agências internacionais é insaciável e, apesar de todos os cortes dos últimos anos nas condições de vida e de trabalho dos portugueses, continuam a não estar satisfeitos. Vêm agora propor - e o governo já disse que este é um "bom estudo", conivente e talvez encomendatário deste documento - dezenas de milhar de despedimentos na função pública, o aumento desmesurado de impostos e taxas, o corte de salários, o fim de alguns direitos sociais de que os portugueses ainda beneficiam. É uma verdadeira declaração de guerra a quem trabalha, na sequência de todas aquelas que têm estado na ordem do dia.
Todos sabemos que a gula do capital e do Estado nunca foi fácil de satisfazer. As clientelas partidárias, os negócios, a especulação e a corrupção generalizadas dos que detêm o poder político e económico têm sido sempre alimentadas também por nós, por quem gera riqueza.
Enquanto este sistema capitalista, da apropriação privada das mais-valias geradas pelo trabalho colectivo se mantiver, a exploração continuará. Mais ou menos acelerada e selvagem conforme os trabalhadores dispuserem de mais ou menos instrumentos de resistência e luta (sindicatos fortes e outras associações de classe, sejam de resistência ao Capital ou de carácter revolucionário, visando a transformação da sociedade).
Os tempos que vivemos são de confronto geral: a pretexto da crise, a classe dominante pretende refundar as regras do jogo, ficando com um quinhão cada vez maior da riqueza produzida. Daí as leis celeradas contra o trabalho e os trabalhadores, o corte nas regalias e nos rendimentos dos mais pobres, a insegurança e o desemprego. Tudo com um objectivo: tornar o trabalho cada vez mais barato. Perante a impossibilidade de desvalorizar a moeda, os economistas e os políticos que dirigem o país e a Europa apenas encontraram uma solução: reduzir os salários e os custos do trabalho (e, pelo caminho, aumentando o desemprego, cortando nas pensões e nas prestações sociais). Impondo uma austeridade que não deixa ninguém respirar e que faz a sociedade portuguesa regressar aos tempos do fascismo em que, a pretexto de um "orçamento equilibrado" a sociedade portuguesa era miserável, a fome grassava, não havia qualquer tipo de estruturas em lado nenhum (escolares, desportivas, culturais, etc.) e a própria luz eléctrica, água canalizada ou esgotos apenas chegou a muitos locais do país só depois do 25 de Abril.
Desde sempre o Estado e a classe dirigente foram insaciáveis. Mas este grupo que está a abocanhar desta vez o poder tem uma fome ainda mais insaciável. Eu que não voto faço um voto: que morra de indigestão!

R.T.

Textos

David Graeber nasceu em 1961 em Nova Iorque. É antropólogo e professor de antropologia social no Colégio Goldsmith da Universidade de Londres. Antes foi professor associado na Universidade de Yale, instituição que se negou a recontratá-lo em 2007 devido às suas posições políticas. Anarquista, com diversos livros publicados, Graeber participa activamente em movimentos sociais, protestando contra o Fórum Económico Mundial de 2002 e participando no movimento Occupy Wall Street - é-lhe mesmo atribuída a criação da frase "We are 99%". É membro do sindicato anarco-sindicalista IWW(International Workers of the World). Devido à sua actividade enquanto investigador, mas também como militante social, tem chamado a atenção dos meios de comunicação (alternativos e de massas) sendo um dos intelectuais anarquistas da actualidade mais referenciados. De entre os seus livros destacam-se: "Direct action: an ethnography" (2009), "Debt: the first 5,000 years" (2011) e "Fragments of an anarchist anthropology" (2004).

David Graeber

Fragmentos de uma Antropologia Anarquista

Porque é que há tão poucos anarquistas na Academia?

Esta é uma questão pertinente, na medida em que hoje o anarquismo, enquanto filosofia política, está num apogeu. Os movimentos anarquistas ou inspirados no anarquismo crescem por todo o lado; os princípios anarquistas tradicionais – autonomia, associação voluntária, auto-organização, ajuda mútua, democracia directa – podem-se encontrar tantos nas bases organizativas do movimento antiglobalização como numa grande variedade de movimentos radicais em qualquer parte do mundo. Os revolucionários do México, Argentina, India e outros lugares têm ido abandonando, cada vez mais, os discursos que advogavam a tomada do poder e começaram a formular ideias diferentes em torno do que poderá ser o significado de uma revolução. É verdade que a maioria utiliza ainda com timidez a palavra "anarquista", mas como assinalou recentemente Barbara Epstein, o anarquismo já ocupa largamente o lugar que o marxismo tinha nos movimentos sociais dos anos sessenta. Inclusive aqueles que não se consideram a si mesmos anarquistas vêem-se obrigados a definirem-se em relação a ele e a inspirarem-se nas suas ideias.

David Graeber (à esquerda) com uma tshirt dos IWW num protesto

E, sem dúvida, às universidades apenas chega um reflexo de tudo isto. A maioria dos académicos tem uma ideia muito vaga sobre o que é o anarquismo ou recusam-no, servindo-se dos estereótipos mais toscos. ("Organização anarquista! Não é isso um contra-senso??) Nos Estados Unidos há milhares de académicos marxistas de uma escola ou de outra, mas apenas uma dezena de professores dispostos a autodenominarem-se como anarquistas.

Será uma questão de tempo? É possível. Talvez que dentro de uns anos as universidades estejam a rebentar de anarquistas, mas não tenho grandes esperanças. Parece-me que o marxismo tem uma afinidade com a universidade que o anarquismo nunca terá. Para além do mais, trata-se do único grande movimento social inventado por um académico, ainda que desde o início se tenha convertido num movimento que tinha como objectivo a união da classe operária. A maioria dos ensaios sobre a história do anarquismo afirmam que as suas origens foram similares às do marxismo: o anarquismo apresenta-se como uma criação de certos pensadores do século XIX – Proudhon, Bakunin, Kropotkin, etc., - sendo fonte de inspiração de organizações operárias, que depois se teria envolvido em lutas políticas, dividido em correntes…O anarquismo, nos relatos mais comuns, costuma ser apresentado como o parente pobre do marxismo, um pouco coxo teoricamente, que se vê compensado, no entanto, no plano ideológico pela sua paixão e sinceridade. Mas, na verdade, esta analogia é, no melhor dos casos, forçada. Os "pais fundadores" do século XIX nunca pensaram ter inventado qualquer coisa particularmente nova. Os princípios básicos do anarquismo – auto-organização, associação voluntária, apoio mútuo – referem-se a formas de comportamento humano que se considerava que tinham feito parte da humanidade desde sempre. O mesmo se pode dizer da recusa do Estado e de todas as formas de violência estrutural, desigualdade ou domínio (anarquismo quer dizer, literalmente, "sem governantes"), e também o reconhecimento de que todas estas formas se relacionam e reforçam, até certo ponto, entre si. Estas ideias nunca foram apresentadas como o gérmen duma nova doutrina. E, de facto, não o eram: pode-se encontrar um fio constante de pessoas que defenderam semelhantes argumentos ao longo da história, apesar de que tudo aponte para que, em quase todos os momentos e lugares, estas opiniões raramente se expressavam por escrito. Referimo-nos, portanto, menos a um corpo teórico do que a uma atitude ou inclusive, poderíamos dizer, a uma fé: a recusa de certo tipo de relações sociais, a certeza de que outras serão muito melhores para construir uma sociedade habitável, a crença de que tal sociedade poderá realmente existir.

Se, para além disto, se compararem as escolas históricas do marxismo e do anarquismo vê-se que se tratam de projectos fundamentalmente diferentes. As escolas marxistas possuem autores. Da mesma maneira que o marxismo surgiu da mente de Marx, temos também leninistas, maoistas, trotskistas, gramscianos, althusserianos… (Note-se que esta lista está encabeçada por homens que foram chefes de Estado e vai descendo gradualmente até se chegar aos professores franceses). Numa ocasião, Pierre Bordieu assinalou que se o mundo académico fosse como um jogo em que vários especialistas lutam pelo poder, qualquer um saberia que teria vencido quando os outros começassem a perguntar-se como criar um adjectivo a partir do seu nome. É precisamente para preservar a possibilidade de ganhar este jogo que os intelectuais insistem em continuar a usar nas suas discussões teoria da história do tipo "Grande Homem", de que, sem dúvida, se ririam em qualquer outro contexto. As ideias de Foucault, como as de Trotsky, nunca são tratadas como um produto directo de um certo meio intelectual, resultado de conversas inter-

mináveis e de discussões em que participam centenas de pessoas, mas sim como o produto do génio de um só homem ou, muito ocasionalmente, de uma mulher. Tão pouco se trata de que a política marxista se tenha organizado como uma disciplina académica ou que se tenha convertido num modelo para medir, cada vez mais, o grau de radicalidade dos intelectuais. Na realidade, ambos os processos desenvolveram-se em paralelo. Na perspectiva da academia, isto produziu resultados satisfatórios – o sentimento de que deve existir algum princípio moral, de que as preocupações académicas devem ser relevantes para a vida das pessoas -, mas também desastrosos: converteram grande parte do debate intelectual numa paródia da política sectária, em que todos se esforçam por caricaturar os argumentos do outro, não só para mostrar como são erróneos, mas sobretudo quão malévolos e perigosos podem chegar a ser. E tudo isso quando nas discussões que têm se servem de uma linguagem tão hermética que só quem tenha podido permitir-se sete anos de estudos superiores pode ter acesso a elas.

Consideremos agora as diferentes escolas do anarquismo. Há anarcosindicalistas, anarcocomunistas, insurrecionalistas, cooperativistas, individualistas, palataformistas… Nenhuma deve o nome a um Grande Pensador; pelo contrário, todas recebem o seu nome por algum tipo de prática ou, é mais comum, de um princípio organizativo. (Significativamente, as correntes marxistas que não recebem o nome de pensadores, como a autonomia ou o comunismo conselhista, são as mais próximas do anarquismo). Os anarquistas gostam de se destacar pela sua prática e pela forma como se organizam para levá-la a cabo e, de facto, consagram a maior parte do tempo a pensar e a discutir precisamente isso. Os anarquistas nunca se interessaram muito pelas questões estratégicas e filosóficas que historicamente preocuparam os marxistas. Os anarquistas consideram que questões como “serão os camponeses uma classe potencialmente revolucionária?” é algo que deve ser decidido pelos próprios camponeses. Qual é a natureza da mercadoria? Em vez disso discutem sobre qual a forma verdadeiramente democrática de organizar uma assembleia e em que momento a organização deixa de ser enriquecedora e coarta a liberdade individual. Ou sobre que ética deverá prevalecer na oposição ao poder. O que é a acção directa? É necessário (ou correcto) condenar publicamente alguém que assassina um chefe de Estado? Ou pode o assassinato ser considerado um acto moral, especialmente quando evita algo terrível, como uma guerra? Quando é correcto apedrejar uma janela?

Em resumo:

1. O marxismo tende a ser um discurso teórico ou analítico sobre a estratégia revolucionária.

2. O anarquismo tende a ser um discurso ético sobre a prática revolucionária.

Obviamente que tudo o que disse até agora não deixa de ser um pouco caricatural (houve grupos anarquistas muito sectários e muitos marxistas libertários partidários da prática, incluindo-me possivelmente a mim). De todas as maneiras, tal como assinalei, isto implica uma grande complementaridade potencial entre ambos. E, de facto, houve-a: Mikail Bakunin, para além de discutir com Marx sobre questões de índole prática em inúmeras ocasiões, também traduziu pessoalmente O Capital para russo. Isso, facilita também a compreensão do porquê de haver tão poucos anarquistas na academia. Não tem a ver simplesmente com o facto do anarquismo não utilizar uma teoria tão elaborada, mas sim pelo facto das suas preocupações terem a ver sobretudo com questões práticas; insiste, antes do mais, em que os meios devem estar de acordo com os fins e que não se pode gerar a liberdade através de meios autoritários. De facto, e dentro do possível, deve-se antecipar a sociedade que desejamos criar nas nossas relações com os amigos e companheiros. Isto não encaixa muito bem com o trabalho na universidade, talvez a única instituição ocidental, para além da igreja católica e da monarquia britânica, que permaneceu inalterável desde a Idade Média, promovendo debates em hotéis de luxo e pretendendo que isso, inclusive, fomenta a revolução. Pelo menos, é de esperar que um professor abertamente anarquista questione como funcionam as universidades – não me refiro a solicitar um departamento de estudos anarquistas – e isso, com certeza, lhe traria muito mais complicações do que qualquer coisa que alguma vez pudesse escrever.

Excerto do 1º Capítulo de “Fragmentos de antropologia anarquista”, traduzido da edição em castelhano da editorial Virus (download aqui: http://ebookbrowse.com/graeber-david-fragmentos-de-antropologia-anarquista-pdf-)

Anarquismo

Nome dado ao princípio ou teoria de vida e de conduta que concebe uma sociedade sem governo; uma sociedade em que a harmonia se obtém não pela submissão à lei nem pela obediência à autoridade, mas sim mediante acordos livres entre os diferentes grupos, territoriais e profissionais, constituídos livremente para a produção e o consumo, assim como para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado.

Pier Kropotkin
(Encyclopedia Britannica)

Utopia

Em poucas palavras, se não és utópico é porque és imbecil.

Jonothon Feldman
(Indigenous Planning Times)

Política

A noção de “política” pressupõe um Estado ou aparelho de governo que impõe a sua vontade a todos os outros. A “política” é a negação do político; a política está, de alguma forma, ao serviço da elite, que diz conhecer melhor que os demais como se devem tratar os assuntos públicos. A participação nos debates políticos o único que pode conseguir é diminuir os danos (por ela) causados, dado que a política é contrária à ideia de que as pessoas administrem os seus próprios assuntos.

David Graeber
(Fragmentos de antropologia anarquista)

Outros modos de viver

Nos primeiros anos do milénio, com uma economia dilacerada, nas mãos dos bancos, do FMI e das multinacionais, e o dinheiro a nada valer, milhões de argentinos basearam as suas necessidades individuais e colectivas num sistema generalizado de trocas ("el trueque") que durou largos meses. Foi uma experiência original e bem sucedida que aponta novos caminhos possíveis para uma economia sustentada, amiga do ambiente e que consiga dar resposta às necessidades dos cidadãos e não apenas ao lucro de algumas empresas, grandes ou pequenas, mas sempre gananciosas. Por cá, também existem pequenas experiências deste género a que é urgente dar vitalidade e estender a novos sectores.

El Trueque, uma experiência de economia autogestionada

A Argentina nos finais de 2001 explodiu numa revolta que surgiu entre a manipulação política e a adesão espontânea do povo já cansado de tantos ajustes orçamentais e roubos sistemáticos e sistematizados entre o governo de turno, o FMI e os grupos económicos e mediáticos mais poderosos.

O povo à deriva encontrou naturalmente novas formas de organização social. Surgem assim as assembleias populares exigindo o famoso "Que se vayan todos", as ocupações de fábricas por parte dos trabalhadores (FANSIPAT – Fábrica Sem Patrões) e a troca (o também famoso "el trueque") que já vinha a funcionar desde 1995 em pequenos círculos, mas entre 2002 e 2003 tem um crescimento enorme, passando de milhares a milhões de utilizadores e deixando de estar apenas nalgumas zonas e expandindo-se pelo país. Durante o apogeu do sistema da troca aproximadamente 6 milhões de pessoas viveram e organizaram, na Argentina, o seu sistema de produção e de moeda, tudo sem a intervenção do estado ou de privados. Como é que foi possível? A utopia transformada em realidade? Talvez. O certo é que tanto os governos de turno, o FMI e os sectores privados puseram-se no terreno e atacaram ferozmente este sistema. Havia que fazer apagar da memória da população esta forma de

(continua na pág. seguinte)

Música

Focolitus: Poesia e revolta

Baltazar Bresci

Activos desde os anos 90, Focolitus é sem dúvida dos projectos de música libertária mais antigos e mais interessantes que se podem encontrar cá nestas terras a que chamam de portugal. O som é muito bem conseguido, envolvendo fantásticas experimentações musicais entre o punk, o ska, e outras sem rotulagem. Porem é a lírica que realmente nos faz erguer os punhos, tanto com mensagens de aversão aos sistemas repressivos ("abaixo todos os órgãos repressivos, agora!") como mensagens que apelam à união e à força dos explorados ("com gestos simples como dares-me a tua mão faremos o caminho até à autogestão", "quero subir mais alto, construir uma consciência, quero fundamentar a minha irreverência").
Recentemente gravaram o álbum "Despreshion das Märr Kathara" que conta com 7 temas, alguns novos e alguns já conhecidos por quem teve possibilidade de participar nos concertos que vão acontecendo por casas ocupadas e outros espaços de cultura libertária e DIY. Os seus dois primeiros registos ("A melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo!" e "Expelir Demasiados humores do Cérebro") podem ser descarregados do seu site na net, ou, em alternativa, alguns temas podem ser ouvidos no myspace.
Para apoiar os Focolitus entrem em contacto por e-mail ou apareçam num concerto que vos passe por perto, ou melhor ainda, que vocês mesmos queiram organizar, porque "a melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo!!!"

Rendição é Morte

"Todo o poder vive da tua miséria
A exclusão é vista como natural
Lambes o chão e esmolas um tostão
Os factores da pobreza alimentam a riqueza
Para o progresso ser visível, bairros demolidos
Não é para o bem estar, é só fachada
Temos que lutar, temos que nos ver
Temos que cantar e combater
Uma sociedade que se baseia na acumulação do capital
Está condenada à catástrofe!!!
Combater!
A união dos punhos irmãos, fortalece a resistência
O apoio mútuo dos oprimidos dá conteúdo à solidariedade
Aquilo que tu chamas a utopia de cada um
São bases estruturantes para a construção de um futuro comum
Combatemos o autoritarismo, o sexismo e a hierarquia
Fomentemos as consciências para que o futuro nos sorria
Porque nesta vida tudo depende do querer
Rendição é morrer!
Rendição é morrer!"

-Focolitus

http://www.myspace.com/focolitus
http://focolitus.no.sapo.pt/
focolitus@gmail.com

organização subversiva porque, apesar do "trueque" ter as suas limitações, não deixava de ser um veneno letal para a economia capitalista. Vejamos alguns dos princípios básicos do "trueque"

1) - Economia solidaria: é uma forma de economia destinada a produzir bem-estar colectivo e não acumulação de riqueza. Muitas formas de produção podem ser incluídas nesta classificação, tais como as cooperativas, as pequenas associações de produtores não formalizadas, mas a sua principal característica é que os seus membros se ajudam entre si e promovem equidade na distribuição dos ganhos e têm uma participação activa de todos os seus membros, no sentido de uma construção democrática.

2) - Socioeconomia solidária: é uma forma de economia solidária que inclui o conjunto de participantes do processo produtivo duma sociedade, pensando ao mesmo tempo nos indivíduos que a compõem e no conjunto da sociedade. Por isso, aponta simultaneamente para que a produção tenda a ser colectiva, de forma a promover o uso eficiente dos recursos e seja utilizada para satisfazer necessidades no curto prazo; e que a comercialização seja justa, isto é, que elimine custos inúteis, como a intermediação desnecessária, aos mesmo tempo que atenda às condições de produção daquilo que comercializa, para fomentar um novo modelo de economia sem exploração entre os seres humanos e sem destruição da natureza. Por outro lado, é preciso que o consumo seja ético, favoreça a utilização dos recursos locais e preserve o meio ambiente, tendo em linha de conta que no actual estado de concentração da riqueza devemos "viver simplesmente para que muitos possam simplesmente viver".

Quanto tempo mais conseguiremos suportar a opressão desta tirania (políticos, FMI, multinacionais, etc.) e continuaremos cegos crendo que a única economia possível é a economia de mercado?

A revolução faz-se todos os dias, o caminho para a liberdade é o mais difícil de todos, mas é o único que vale a pena.

Simão Severino

Memória Libertária

Mário Castelhano

Mário Castelhano (1896-1940) foi o último coordenador do Secretariado da CGT (Confederação Geral do Trabalho, anarco-sindicalista) e director do jornal "A Batalha" antes deste ser suspenso e proibido pelo fascismo.

De origem modesta, natural de Lisboa, começou a trabalhar aos 14 anos na Companhia Portuguesa dos Caminhos-de-Ferro. Participou nas greves de 1911, tendo depois colaborado na organização das de 1918 e 1920, motivo pelo qual foi despedido. Passou então a ocupar-se de actividades administrativas no Sindicato dos Ferroviários de Lisboa, na Federação Ferroviária e na Confederação Geral do Trabalho. Membro da comissão executiva da Federação Ferroviária, ficou com o pelouro das relações internacionais e a responsabilidade de redactor-principal do jornal "A Federação Ferroviária". Dirigiu também os jornais "O Ferroviário" e "O Rápido".

Participou na reorganização do Conselho Confederal da CGT, após o 28 de Maio de 1926, de onde saiu eleito responsável pelo novo secretariado e redactor-principal de "A Batalha". Após a tentativa insurreccional de Fevereiro de 1927, a repressão policial acentuou-se, a CGT é ilegalizada e o jornal "A Batalha" assaltado e a sua tipografia destruída, vindo Mário Castelhano a ser preso em Outubro do mesmo ano e deportado no mês seguinte para Angola, onde ficou dois anos.

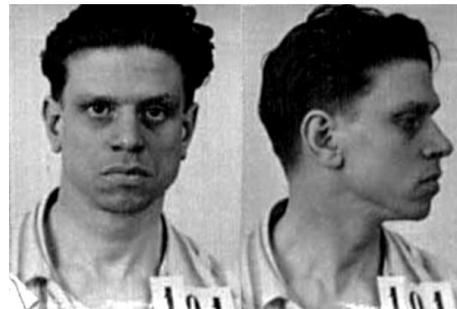
Em Setembro de 1930, foi enviado para os Açores e em Abril de 1931, para a Madeira, participando na insurreição desta ilha contra o Governo. Com a derrota deste movimento, foge da Madeira, embarcando clandestinamente no porão do navio Niassa. Em 1933, estava de novo à frente do secretariado da CGT e faz parte do grupo que organiza o 18 de Janeiro de 1934, de que se assinalam agora os 79 anos.

O levantamento do 18 de Janeiro – que visava o derrube do regime fascista – teve a ver, como pretexto mais próximo, com a decisão de Salazar de impor aos sindicatos estatutos corporativos, de índole fascista. Ou seja, a fascização dos sindicatos. Algo que os anarcosindicalistas da CGT não podiam aceitar.

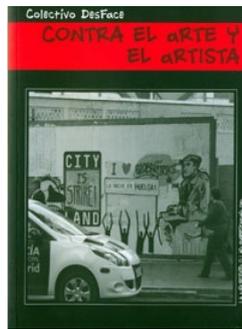
Os militantes anarquistas, embora dizimados pela repressão dos últimos sete anos– já que foi contra eles que se dirigiu o mais odioso e implacável da repressão, uma vez que o Partido Comunista era quase inexistente (ou como escreveu ironicamente José de Almeida, um destacado militante anarquista dessa altura: "cabiam todos num banco de jardim") – decidiram agir.

Apesar de pouco numerosos, os sindicatos ligados aos comunistas, bem como aos socialistas e autónomos, foram convidados a aderir ao movimento, em que Mário Castelhano esteve muito envolvido e que, por motivos diversos – nomeadamente, algum desleixo organizativo por parte dos comunistas que alertaram a policia através de comunicados onde falavam da acção que iria ser desencadeada e da explosão de bombas na linha férrea, na zona de Xabregas – não teve o resultado esperado, com levantamentos operários mais relevantes apenas na Marinha Grande, Silves, Sines, Almada, Barreiro, Leiria, etc., mas sem atingir os principais centros populacionais. Largas dezenas de militantes anarcosindicalistas e alguns comunistas foram presos. Mário Castelhano, que tinha sido um dos elementos-chave do movimento foi preso a 15 de Janeiro, três dias antes, e foi condenado pelo Tribunal Especial Militar a 16 anos de degredo. Embarcou em Setembro de 1934, com destino à Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, e em Outubro de 1936, para o campo de concentração do Tarrafal.

Ali, no campo da morte, Mário Castelhano destacou-se pela sua sólida formação moral, fundada sob uma forte energia e integridade. Isso transpareceu frequentemente, por exemplo, quando o acampamento foi atingido por uma epidemia. A maioria dos presos estavam acamados e sem medicamentos, mas Mário Castelhano, com a sua autoridade moral e capacidade de liderança, organizou a assistência aos doentes da melhor forma possível e com o que os poucos recursos permitiam. Mesas, cadeiras, tudo foi utilizado para o aquecimento da água de abastecimento necessária para suprir a carência em medicamentos. Mas assim que a crise passou Mário Castelhano sucumbiu em poucos dias queixando-se de dores no estômago. Morreu no Tarrafal a 12 de Outubro de 1940, juntando os seus restos mortais aos de cerca de quatro dezenas de anarquistas, anarcosindicalistas, comunistas e sem filiação que perderam a vida neste vil campo de concentração entre finais dos anos 30 e meados dos anos 50 do século passado

e.m (com internet)

A Fechar

"Contra a arte e o artista": um olhar crítico sobre a arte e o trabalho assalariado

"Propor a circulação do talento, tanto na política como na arte, implica reivindicar a gratuitidade destas duas actividades, sustentar que nenhuma delas pode ser reduzida a um valor de mercado e que, portanto, escapam às leis do trabalho assalariado, o que significa, no fim de contas, considerá-las como uma oferta. Uma oferta que cada um, desde a sua singularidade faz ao conjunto, numa determinada comunidade. A actividade criativa deve ser desenvolvida no tempo livre. Mas livre no sentido completo da palavra: livre de determinações, livre de mercantilismo, livre dos padrões estéticos dominantes, livre de qualquer forma de coacção ou poder. Poder-se-ia imaginar uma fórmula (razão ou equação) em que numa das suas variáveis se colocasse o trabalho (assalariado) e na outra a "livre realização". Sem dúvida que, na medida em que sejamos capazes de reduzir o tempo de trabalho "escravo", orienta

do para a sobrevivência, e aumentar o "tempo livre" (não um tempo livre como o que a sociedade de consumo nos faz imaginar, que é basicamente um tempo para a alienação e para a prática do consumo), enfraqueceremos os cimentos do sistema de domínio actual".

Do livro "Contra el arte y el artista", da autoria do Colectivo chileno DesFace. Saiu em Abril no Chile e foi recentemente apresentado em Madrid. Pode ser encontrado aqui: http://www.acciocultural.org/index.php?route=common/home

Évora, cidade mais pobre: fechou o Condestável

Há uns anos fechou em Évora o "Intensidez", um espaço multifacedo (livraria-café-restaurante) com uma actividade cultural intensa: ali se fizeram debates, houve música, lançamento de livros, conversas animadas, sessões de poesia, etc., tornando-se um marco no panorama cultural da cidade. Depois fechou e o edifício ainda lá está, às moscas, sem utilização e a degradar-se. Segundo parece entregue a um banco. Agora chega a notícia de que fechou o "Condestável", um café situado também no Centro Histórico, perto da Universidade, que tinha sido renovado há cerca de dois anos pelo Celso Magucci, uma figura da cidade e que anteriormente esteve ligado ao Museu de Évora. Nestes dois anos o "Condestável Bistrô", tornou-se agradável e muito frequentado, ocupando de certa maneira o espaço antes ocupado pelo "Intensidez", e ali se realizaram muitas actividades culturais, desde lançamentos de livros, jantares temáticos, ciclos de conferências, etc.. Pelo que sabemos os proprie-

tários do café não aceitaram o aumento de renda proposto, dizendo que pretendem vendê-lo em conjunto com a unidade hoteleira que também possuem em frente. É uma pena que espaços destes morram assim: quando começam a crescer, a ganhar dimensão há sempre algo que os asfixia, como se alguma moléstia antiga houvesse sobre a cidade que mata (de morte macaca?) tudo aquilo que se distingue e que consegue brilhar e sobrepor-se ao marasmo do cinzentismo geral..

CJ

Aqui: acincotons.blogspot.com

Bakunin, por Flavio Costantini

Aos Operários

E agora oh! Produtor, oh Férvido Operário
Que escravo, sonolento, exausto e moribundo
N'um século de luz, sucumbes sem vestuário,
Faminto e obcecado, inerte e gemebundo:

Não esperes jamais que o Estado, teu coveiro,
Te venha defender das garras da riqueza:
O Estado é teu verdugo, o Estado é carniceiro.
O Estado é a burguesia, o Estado é a torpeza!

Os maiores ladrões e os grandes criminosos
Ali vão se acoitar buscando a impunidade!
Só eles são os bons, nós somos "perigosos"
Defendendo a Justiça e exigindo a Verdade!

Os homens do poder impedem que se aspire
A flor da liberdade, a estrela do Anarquismo!
Porque ele vem trazer por certo quem conspire
Contra os crimes senis do falso socialismo!

É por isso que espero e sonho o Povo unido,
Soldado, camponês, doutores e operários
Na mesma inspiração de um Ideal Partido
Que destrua de fato a força dos sicários!

Eu quero ser humano e praticar a Justiça!
E vê-la praticada em todo este universo...
E desejo igualmente a extinção da cobiça
Pela união geral desse povo disperso!

A terra não tem dono! As terras se tranqueiam!
E entretanto ainda existe a tal propriedade!
P'ra dividir o Mundo em pátrias que guerreiam
Combatendo o Direito, o Amor e a Liberdade!

Abaixo esta justiça iníqua que se vende!
Abaixo as leis do pobre e não dos abastados!
Que tal desigualdade o nosso brio ofende
E nos faz com razão eternos revoltados!

Adalberto Viana
(publicado no início do século XX no Brasil, na Imprensa Operária. Sem data nem referência)

"Enforcados em Chicago, decapitados na Alemanha, estrangulados em Xerez, fuzilados em Barcelona, guilhotinados em Montbrison e em Paris, os nossos mortos são muitos; mas vocês não foram capazes de destruir a Anarquia. (...) Ela está em todos os lugares. Isso é que a faz indomável e por fim ela irá derrotá-los" — Émile Henry, (1893)